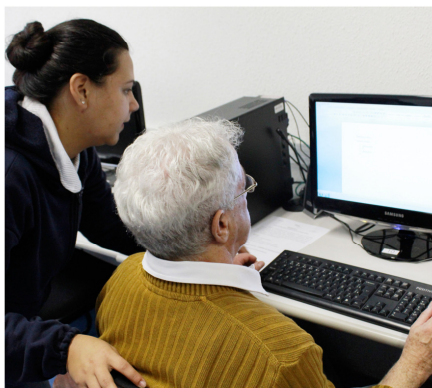


Editorial

Universidade da Terceira Idade: história e pesquisa

*University of the Third Age: history and
research*

Meire Cachioni



“...Era maio de 1973, e apenas 40 pessoas se inscreveram por ocasião da primeira oferta do programa. A imprensa local e internacional noticiaram e fizeram tal alarde sobre a novidade que, seis meses mais tarde, em setembro de 1973, foram mais de mil os idosos inscritos¹”.

¹ Vellas, P. (1997). *Le troisième souffle*. Paris (Fr.): Grasset.

A emblemática frase de Pierre Vellas, presente no livro *Le troisième soufflé*, que descreve toda a história da trajetória de criação da primeira Universidade da Terceira Idade, em Toulouse na França, anuncia o que o seu criador, certamente, sequer sonhava... Mil idosos em um único programa e na virada do século XX, mais de cinco mil programas espalhados por todo o mundo, em diferentes continentes, com milhares de pessoas idosas participando de atividades intelectuais e culturais, em busca de uma velhice bem-sucedida.

Contar a história da criação do primeiro programa nos remete às significativas mudanças ocorridas na França a partir dos anos 1960, com a nova política social para a velhice. O país passou, logo após a segunda guerra mundial, por um período em que as condições de vida da população idosa beirou à indigência social. A política de integração da velhice introduzida na França em 1962, que visou a reformas político-administrativas, modificou a imagem das pessoas envelhecidas. Os novos aposentados, com poder aquisitivo da camada média assalariada, tornaram-se sinônimos da arte do bem viver. Fez-se então necessário criar um novo vocábulo para designar mais respeitosa a representação dos jovens aposentados – surge a *terceira idade* – sinônimo de envelhecimento ativo e independente.

O eufemismo não apenas tornou a velhice “nominável”, como contribuiu para a visibilidade das necessidades culturais, sociais e psicológicas desse novo grupo etário².

No caminho da invenção da *terceira idade*, no ano de 1968, foram criadas as Universidades do Tempo Livre, pensadas pelos políticos franceses da educação para proporcionar alfabetização, informações sobre saúde, educação religiosa e educação para o trabalho a adultos de alguma forma desfavorecidos pelo sistema educacional.

Diante de tal contexto, e de uma profunda preocupação de cunho social e humanista, Pierre Vellas, em 1973, criou na Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, a “*Université du Troisième Âge (U3A)*”. O professor pesquisou sobre velhice em outros países, conheceu tudo o que pôde sobre políticas internacionais para os velhos. Visitou hospícios, asilos e pensões de aposentados. Verificou que as oportunidades oferecidas aos idosos eram quase inexistentes.

² Peixoto, C. (1998). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: Barros, M.M.L. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro (RJ): Editora Getúlio Vargas.

Tirar os idosos do isolamento, propiciar-lhes saúde, energia e interesse pela vida e modificar sua imagem perante a sociedade, foram os objetivos desse primeiro programa. As estratégias que embasaram a definição das atividades foi traçada a partir da história e dos dramas pessoais dos estudantes. Os problemas de alguns eram amostras de uma realidade generalizada: solidão, isolamento, depressão, problemas de saúde.

A grande ideia correu o mundo... vários países já viviam o fenômeno da mudança demográfica e da longevidade. A própria França, na década de 1970, já contava com 18.3% de pessoas com 60 anos ou mais. A expectativa de vida era de 70.3% anos.

A tremenda sede de aprender e conviver dos alunos idosos gerou uma série de desdobramentos na organização e princípios originais da Universidade da Terceira Idade. Em 1974, Vellas criou unidades-satélites da universidade em estações de verão (terapêuticas termais) e de inverno (esqui na neve). O início da década 1980 caracterizou-se pela elaboração de um programa educacional mais amplo, voltado a satisfazer uma população de aposentados cada vez mais nova e escolarizada. Nesse mesmo período, foi criado um centro de pesquisas gerontológicas, ligado ao programa. Já, no final da década de 1980, os idosos tornaram-se protagonistas, com maior participação, autonomia e integração. As pesquisas passaram a serem feitas *para, com e pelos* estudantes idosos.

Com o avançar das iniciativas, o modelo Francês, fundamentado no sistema universitário tradicional, tomou as características das diversas localizações em todo o mundo. O modelo Anglosaxão, praticado especialmente no Reino Unido, tem como característica predominante, a aprendizagem compartilhada ou de autoajuda. No modelo Norteamericano existe uma contribuição mais expressiva dos idosos na organização dos cursos. O modelo Sulamericano, baseado no Francês, funciona exclusivamente nas instituições de ensino superior. O modelo Chinês é focado na vida da comunidade e na manutenção da cultura tradicional. Em suma, os modelos apresentam variações determinadas por características históricas, políticas e culturais. Mesmo localizando-se em um mesmo país, há diferenças determinadas pela estrutura da instituição, por exemplo, pública ou privada.

Durante a corrida pelo mundo realizada pelas universidades da terceira idade, alguns fatos importantes para a população idosa ocorriam no Brasil. No final das

décadas de 1960 e 1970 houve transformações na Previdência Social e nas políticas de aposentadoria, com a criação do Ministério da Previdência e Assistência Social. O novo Ministério marcou a desvinculação dos movimentos sindicais com essa pauta. As associações de aposentados passaram a se manifestar sobre os interesses da categoria, o que culminou em 1991 na mobilização pelos 147%. Essa mobilização, mais que uma reivindicação legítima por reajuste da aposentadoria, colocou em evidência a orfandade política na qual os aposentados se encontravam, e a capacidade de luta desse grupo, que culminou em vitória do movimento e maior visibilidade dos idosos brasileiros³.

Também nas décadas de 1960 e 1970, foram criados os primeiros programas com cunho educativo para os mais velhos. O SESC liderou este trabalho, que posteriormente, com a internacionalização da gerontologia, encontrou solo fértil nas universidades brasileiras. Nesse mesmo período, importamos e incorporamos a expressão *terceira idade*, presença predominante na denominação de grupos, centros e programas nacionais para pessoas idosas.

Com ênfase na realização de estudos, na divulgação de conhecimentos gerontológicos, e na formação de recursos humanos, a Universidade Federal de Santa Catarina, criou em 1982, o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI). O NETI é considerado o primeiro programa brasileiro com características de Universidade da Terceira Idade. No entanto, foi no ano de 1990 que a Pontifícia Universidade Católica de Campinas abriu um programa que replicou o Modelo Francês.

Propiciar aos mais velhos um ambiente de aprendizagem e culturalmente estimulante, de diálogo entre seus pares, de exercício da cidadania, para ocupação do tempo livre e de estabelecimento de redes sociais, foram os objetivos das primeiras universidades da terceira idade. Semelhantes à Toulouse, com especial ênfase na revisão de estereótipos e preconceitos em relação à velhice. Mas o perfil dos alunos brasileiros não era de solidão e inatividade; de condições de vida precária e, sim, de pessoas ativas, saudáveis, e engajadas socialmente.

No Brasil, atualmente, somamos mais de 200 programas dessa natureza, presentes em instituições de ensino superior. Em sua maioria caracterizam-se por projetos de extensão universitária. Configuram-se, ainda, como uma modalidade de

³ Simões, J.A. (1998). A maior categoria do país: o aposentado como ator político. In: Barros, M.M.L. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro (RJ): Editora Getúlio Vargas.

educação permanente de natureza não-formal, uma vez que a intenção maior não é a de certificar ou profissionalizar os alunos idosos, mas, sim, abrir o mundo do conhecimento e da possibilidade de se aprender ao longo de toda a vida. O ambiente universitário, multidisciplinar e intergeracional, propicia aos mais velhos a troca de experiências, a sociabilidade, o resgate da cidadania.

Existe grande diversidade nos programas, uma vez que cada instituição toma as próprias decisões sobre objetivos, conteúdos, estrutura curricular, atividades e professores. Atuam a partir de seus recursos humanos próprios, e de sua ideologia sobre velhice e sobre educação na meia idade e na velhice.

Paralelamente à criação e disseminação das universidades da terceira idade em todo o mundo, outros importantes movimentos na educação e na psicologia do envelhecimento ocorreram, sendo que os mesmos, de alguma forma, nortearam os princípios e as ações dos programas para idosos. Dentre eles, destacam-se os relatórios da UNESCO sobre a educação realizados nos anos de 1972 e 1993, e os fundamentos do Paradigma *lifespan* em psicologia.

Em 1972, a UNESCO inaugurou a temática Educação Permanente por meio do Relatório “*Aprender a ser*”. Este relatório lançou as bases de uma educação permanente, e os sistemas educativos tradicionais foram colocados em questão, como podemos verificar na afirmação realizada por Faure (1972): “...ultrapassar a concepção de educação limitada no tempo (idade escolar) e fechada no espaço (estabelecimentos escolares); considerar o ensino escolar não como um fim, mas como um componente fundamental do ato educativo total, nas suas dimensões escolares e não escolares... conceber a educação como um continuum existencial, cuja duração se confunde com a duração da própria vida...desenvolver por todos os meios convencionais e não convencionais a educação⁴.”

No ano de 1993, sob a liderança de Jacques Delors, o Relatório sobre a educação para o século XXI: *Educação – Um tesouro a Descobrir*, discutiu a educação de maneira mais ampla sob a perspectiva da Educação ao longo de toda a vida. “A educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas... A divisão tradicional da existência em períodos distintos – o tempo da infância e da juventude consagrado à educação escolar, o tempo da atividade profissional adulta, o tempo da aposentadoria – já não

⁴ Faure, E. (1972). *Aprender a Ser*. Lisboa (Portugal): Livraria Bertrand.

corresponde às realidades da vida contemporânea e às exigências do futuro. Atualmente, ninguém pode pensar em adquirir na juventude uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes. Além disso, o prolongamento da vida após a aposentadoria aumentam o tempo disponível para outras atividades⁵".

Ambos os relatórios inauguraram as discussões sobre a possibilidade da educação para todas as idades, e para além do formato tradicional da educação formal.

Em meados dos anos 1970, surge um novo paradigma acerca do desenvolvimento ao longo da vida (*lifespan*), desenvolvidos por um grupo de reconhecidos acadêmicos, dentre eles, Paul B. Baltes, K. Warner Schaie, James Birren, Bernice Neugarten, Klaus Riegel e Matilda Riley, que enuncia o envelhecimento como um processo que não implica, necessariamente, em doenças e afastamento, e que a velhice, como fase do desenvolvimento humano, permite não só a ocorrência de perdas, mas também de ganhos. A educação é apontada como otimizadora das competências. Desenvolvimento e envelhecimento são reconhecidos como eventos correlatos⁶.

A nova compreensão da aprendizagem e do desenvolvimento ao longo de toda a vida demandou mudança de paradigma sobre a velhice. As universidades da terceira idade representam parte desse novo paradigma – *lugar de gente velha também é na escola*. As universidades da terceira idade expressam na prática o potencial da educação e do desenvolvimento humano ao longo de toda a vida.

Voltar aos bancos escolares na velhice... nossas universidades não são mais habitadas somente pela juventude. De alguma maneira, universalizamos o direito de aprender para todas as idades. Legitimamos que o processo de desenvolvimento não cessa na idade adulta, mas está presente em toda a existência humana.

As universidades da terceira idade, por atraírem um número significativo de pessoas idosas, tornaram-se locais interessantes para a realização de pesquisas. O primeiro artigo científico publicado, data de 1975, escrito por seu idealizador, Pierre Vellas. Conforme as bases de dados: ISI-Web of Science, PsycInfo, PubMed, Medline, ERIC, Birene, Scielo, LILACS, em busca realizada com as palavras-chave:

⁵ Delors, J. (2012). *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. (7ª ed.). São Paulo (SP): Cortez.

⁶ Neri, A.L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas em Psicologia*, 14(1), 17-34.

Universidade da Terceira Idade; Universidade Aberta à Terceira Idade; Universidade para a Terceira Idade; Universidade com a Terceira Idade. *Third Age University, University of the Third Age, Open University of the Third Age*, no período de janeiro de 1975 a maio de 2012, 125 artigos foram publicados em todo o mundo. As temáticas da produção científica podem ser classificadas em quatro categorias: 1. Perfil das instituições, dos estudantes e os motivos de adesão ao programa. Alguns abordam os contextos históricos de implantação dos programas; 2. Impacto na qualidade de vida, na saúde emocional, na resignificação da velhice e na promoção de uma velhice bem-sucedida e saudável; 3. Impactos nas relações sociais, bem-estar emocional e apoio social recebido; 4. Estratégias pedagógicas para o ensino de pessoas idosas, com a finalidade de contribuir para a aprendizagem em diferentes etapas do curso de vida.

Cabe ressaltar que esta produção é pouco expressiva no cenário das publicações gerontológicas. Em especial, no Brasil, os investimentos são escassos, pois geralmente as universidades da terceira idade atual funcionam apenas como equipamento educativo e social, e não como promotoras de pesquisa e geradoras de novos conhecimentos para a população idosa.

Diante desse cenário, uma das maiores preocupações da Universidade Aberta à Terceira Idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (UnATI-EACH) é a produção de conhecimento científico para melhor atender as demandas dos educandos idosos. O presente Caderno Temático intitulado “*Universidade Aberta à Terceira Idade e Velhice*”, apresenta parte desse intenso investimento realizado ao longo dos últimos seis anos.

Os 16 artigos estão divididos em duas revisões teóricas sobre bem-estar e as relações sociais promovidas pelos programas educativos, organizados por Meire Cachioni e Samila Batistoni.

Sete artigos fazem parte da pesquisa “Educação Permanente: Benefícios da Universidade Aberta à Terceira Idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades”, financiada pelo convênio (n.º 740288/2010) estabelecido entre o Ministério da Educação | MEC, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | INEP e a Universidade de São Paulo. A referida pesquisa é liderada por Meire Cachioni e conta com a colaboração de Mônica Yassuda, Samila Batistoni, Ruth de Melo, Marisa Accioly e Andrea Lopes, todas elas professoras-doutoras do

Curso de Bacharelado em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Os artigos ora apresentados relatam resultados de variáveis psicossociais, cognitivas, físicas, de saúde, e de aprendizagem.

Cinco artigos são resultados de iniciações científicas e trabalhos de conclusão de curso dos alunos do Bacharelado em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Apresentam dados psicossociais sobre percepção e crenças acerca do tema boa velhice e depressão. Descrevem a implantação e desenvolvimento de duas atividades, uma de inclusão digital e a outra de mídia e velhice. Relatam ainda, a opinião dos alunos idosos sobre a divulgação do programa nas redes de comunicação e possibilidades de novas atividades.

Dois artigos são de autoria de gerontólogos, egressos da Gerontologia da EACH. Um aborda as possibilidades de atuação do profissional em universidades da terceira idade, o outro relata a experiência de trabalho em um programa.

As universidades da terceira idade abriram uma janela de oportunidades a todos que ensinam e pesquisam, e principalmente, aqueles que desejam aprender.

Boa Leitura!

Meire Cachioni – Editora do volume - Professora Associada do Curso de Bacharelado em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH USP). Coordenadora da Universidade Aberta à Terceira Idade da EACH USP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

E-mail: meirec@usp.br